



## Hoje meu sorriso é com máscara

*Silvia Cristina Tavares Pimenta*

Enfermeira especialista em urgência e emergência atua na linha de gente do enfrentamento do Covid-19 em Manaus na Maternidade Dr. Moura Tapajós e como voluntária na UBS Joana Pinheiro.

Hoje o meu sorriso é com máscara e não tenho mais certeza se a tirei tão logo. Caminho com passos lentos e retorno para casa, sempre muito triste, com receio de contaminar meus filhos. Esse ano, 2020, ficará na história, como mostra a alteração da vida de cada um dos meus filhos: Não teve festinha de 15 anos de minha filha caçula, Maria Julia (Maju); Fernanda trabalha horas em frente ao computador e na fábrica em que Raphael trabalha, mudaram os horários e reduziram o salário.

Eu choro, me desespero calada.

Maju tem ficado em casa com sua irmã e me pede para não ir pra UBS <sup>(1)</sup>, ela tem medo que eu morra. Tem medo pelo irmão Rafa também, mas assim como eu, ele tem que trabalhar todos os dias fora de casa. Desde o mês passado Maju veio ficar conosco, na tentativa de nos “frear”. A campanha “Fica em casa” é apenas para alguns, já que muitos não podem ficar.

Eu ajudo os filhos, os avós, os pais dos outros. No hospital às vezes o médico tem que escolher quem vai ser ajudado primeiro ou quem será entubado primeiro. É uma carga de responsabilidade enorme. Desejei não passar por isso, porque não tínhamos suporte suficiente.

Na maternidade, mães que acabaram de parir tiveram que ficar isoladas na *sala rosa* (uma sala específica para isolar os pacientes de Covid-19) depois o Ministério da Saúde permitiu que seus filhos ficassem juntos com as mães, mas todo o cuidado é pouco.

Eu me contaminei e fiquei isolada de todos. Pensei que iria morrer no oitavo dia, minha saturação (medida dos níveis sanguíneos de oxigênio) abaixou muito, chegando a 88%. Não havia oxigênio nem leito disponível quando procurei o Pronto Socorro do bairro Alvorada. O jeito foi retornar para casa e continuar com o tratamento domiciliar: remédios alopáticos combinados com nossas ervas tradicionais. Eu percebia o rebaixamento de oxigênio no meu corpo, a hipóxia <sup>(2)</sup> silenciosa causando excessiva sonolência. Foram vinte dias até retornar ao trabalho e mais uns vinte dias para realmente me sentir bem.

Houve mudanças por parte do governo quando tudo parecia um caos, como a proibição de viagens fluviais. Não era mais possível atravessar de balsa para fazer meu trabalho de voluntariado na Vila Araçá, do outro lado do rio, como eu estava acostumada. Os ribeirinhos



desconheciam a doença e pensavam que lá não chegaria o vírus e estariam protegidos. Não terão recursos para tamanha gravidade. A distância do interior até ao hospital em Manaus é grande, mas isso não é o pior.

Vi gente morrendo, amigos morrendo, praticamente todos os profissionais de saúde se contaminaram. Tivemos que enfrentar muitos problemas que iam além da doença: da falta de EPIs<sup>(3)</sup> aos baixos salários, até ter que lidar com pessoas que, na sua ignorância, nos agrediam fisicamente nas unidades de saúde porque desejavam ver seus familiares que tinham sido internados e estavam isolados. Covas e mais covas. E dizem que é *fakenews!*<sup>(4)</sup> Pessoas lotam as UBSs em busca de vacina para algumas doenças enquanto se arriscam ser infectadas por esta que não tem imunização. Outras tantas andam tranquilamente nas ruas como se nada tivesse acontecendo. O ceticismo é enorme, mas não é “uma gripezinha”. Estudos científicos ainda são escassos e não sabemos como lidar com a doença. Resta o isolamento social, o uso de máscara e a higienização.

Quanto de nós terão que morrer para que se entenda que Covid-19 mata? Perdemos amigos, colegas de trabalho de todos os lugares. Agora são nossos indígenas que correm o maior risco. Meu amigo Alvinho, sociólogo Macuxi, se foi. Eu tenho vontade de escrever e gritar um monte de palavrão para essa agonia que tenho no coração passe.

Estamos cada dia pior como ser humano e em um país que já foi bom, por uma década ao menos. Sou enfermeira e assim como outros da área saúde trabalho na linha de frente nessa guerra, porque amo o que faço e amo nossa gente, mas já não aguento ver o jornal porque choro, e as pessoas estão deixando de lado o isolamento social.

Na ida para o plantão vejo pessoas caminhando nas praças, feira lotada, o rapaz que resolve levar o cachorro para caminhar. O rapaz do Uber pensa que é exagero. O jovem pensa que ficar em isolamento é bobagem. O idoso acha cedo a liberação do comércio. Várias pessoas aglomeradas em frente às suas casas levando a vida como se nada estivesse acontecendo, colocando em risco todo um trabalho de orientação. Agora são mais de 50 mil mortos no Brasil.

**O COVID-19 É REAL E MATA.**

Me perdoe meus filhos, Maria, Fernanda e Raphael mas vou continuar. É o que sei fazer.

A luta continua!

## Notas

(1) UBS: Unidade Básica de Saúde.

(2) Hipóxia: diminuição das taxas de oxigênio no ar, no sangue arterial ou nos tecidos.

(3) EPI: Equipamento de Proteção Individual (máscaras, aventais, toucas, botas).

(4) Notícia falsa, mentira.